

Editorial

Teotonio R. de Souza

Apresentação do dossier

ESTUDOS DE GÉNERO E A MULHER NO ESPAÇO LUSÓFONO E NA DIÁSPORA

Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)

I. Artigos/Articles

INFLUÊNCIAS INTERNAS E EXTERNAS NA OBRA DAS MÃES E NA MOCIDADE FEMININA

Irene Flunser Pimentel (Portugal)

NEOCONSERVATISM IN THE UNITED STATES AND THE INSTITUTIONALIZED EXCLUSION OF POOR WOMEN

Josefina Figueira-McDonough (E.U.A.)

ESTUDOS DE MULHER E DE GÉNERO NOS EUA Séculos XIX-XX Temáticas e Abordagens

Joseph Abraham Lévi (E.U.A.)

GÉNERO E PRÁTICAS JURÍDICAS

Eleonora Zicari Costa de Brito (Brasil)

O ESPECTACULO DA MODERNIZAÇÃO: versões e subversões da igualdade de gênero em um projeto de cooperação internacional em Timor-Leste

Daniel Schroeter Simião (Brasil)

WOMEN, PORTUGUESE CULTURE AND DIASPORA Women from Goa in New Zealand and cultural adaptation

Ruth de Souza (Nova Zelândia)

GÉNERO E DOMESTICIDADE NA INDONÉSIA A Nova Ordem

Maria Johanna Schouten (Portugal)

WOMEN ON MARCH IN GOA: The Gender Transition in Higher Education after Statehood

Nandkumar Kamat, Nikita de Silva, Melinda Pereira (Goa, India)

A MULHER MOÇAMBICANA E A NEPAD

Olga Iglésias (Portugal)

CATIVAS E BICHAS, MENINAS E MOÇAS: A subalternidade social feminina e a formação do mercado matrimonial de Macau (1590-1725)

Ivo Carneiro de Sousa (Macau, China)

TRAÇOS DA PRESENÇA FEMININA EM MACAU

Leonor de Seabra (Macau, China)

VIDA MONÁSTICA E PRÁTICAS DA ESCRITA ENTRE MULHERES EM PORTUGAL NO ANTIGO REGIME

Lígia Bellini (Brasil)

MULHERES HINDUS DA QUINTA DA VITÓRIA: Práticas e Vivências

Hélia Bracons Carneiro (Portugal)

2. Comentários, Reflexões, Breves/Commentaries, Reflexions/Short Notes

MULHER NA JUSTIÇA EM PORTUGAL

Maria Helena S.S. Varandas (Portugal)

GÉNERO E JUSTIÇA: Que igualdade para o século XXI?

Teresa M. Bravo (Portugal)

WOMEN IN POST-1961 GOA Problems and Challenges

Lillian D'Costa (Goa, India)

3. Investigação em curso

4. Recensões/Book Reviews

5. Resumos/Abstracts

2006/07

Nº3/4

Revista Lusófona de Ciências Sociais

Revista Lusófona de Ciências Sociais

Estudos de Género
e a Mulher no Espaço Lusófono
e na Diáspora

campus
social

Nº3/4 2006/07



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

Le MERIDIEN
PARK ATLANTIC LISBOA - PORTO



Edições Universitárias
Lusófonas

Estudos de Género
e a Mulher no Espaço Lusófono
e na Diáspora

campus social

Nº3/4 2006/07



**Edições Universitárias
Lusófonas**

Apresentação

Estudos de Género e da Mulher no Espaço Lusófono e na Diáspora

Maria de Deus Beites Manso

Departamento de História, Universidade de Évora (Portugal)

I

Os textos que aqui trazemos, embora cingidos à temática geral da Mulher e do Género, apresentam-se dispersos por múltiplas áreas geográficas e conteúdos em análise. É da diversidade e da multiplicidade do conhecimento que resultam o saber, o debate e o aprofundamento das matérias, tanto numa visão comparativa como contrastiva. Embora o discurso sobre as mulheres e o género e, similarmemente, sobre os processos de colonização levados a cabo pelos países europeus e acerca das sociedades que daí surgiram tenham despertado, desde há algum tempo, o interesse dos investigadores, tal não sucede ainda em Portugal de forma sistemática, sendo aqui visto por vezes, e mesmo nos meios académicos, como uma área de saber menor. A mesma situação acontece em relação a outras realidades culturais como, por exemplo, os Estados Unidos da América, e o espaço asiático. Portanto, ainda há um longo caminho para trilhar.

A escolha dos artigos que agora se apresentam deveu-se, essencialmente, a dois aspectos:

1) Privilegiar os comportamentos culturais femininos no espaço lusófono, ou onde a herança lusa se manifesta, numa perspectiva de estudo de caso e de longa duração. Assentando num horizonte de evolução de comportamentos e de atitudes da sociedade em geral, quisemos saber como é que espaços extra-europeus, mas de raiz lusófona, olham na actualidade as questões de e para as mulheres. Timor Loro-Sae, último espaço lusófono a adquirir a independência e cujas raízes culturais mesclam o elemento europeu e asiático, torna-se, em nosso entender, o caso mais pertinente a explorar, atendendo a que pouco ou nada se conhece sobre a actual sociedade timorense. Mas igual interesse nos merece a questão em Macau ou em Goa, devido, analogamente, a factores históricos.

2) Os textos que se referem ao espaço não lusófono têm como objectivo dar-nos a conhecer outras realidades culturais diferentes do que acima expusemos. Por exemplo, nos Estados Unidos da América, onde a temática da mulher desde há longos anos ganha destaque. Para isso, basta olharmos para os inúmeros mestrados e doutoramentos que as universidades norte-americanas oferecem. Estamos na presença de um espaço onde as problemáticas do género são francamente estudadas e valorizadas. É de todo o interesse para nós conhecermos como é que outros países encaram no momento as questões de género, já que tanto se fala de globalização.

II

Os artigos aqui apresentados incidem sobre temáticas do mundo contemporâneo, particularmente o século XX e o dealbar do século XXI. No que diz respeito a Portugal e aos países de expressão portuguesa ou que até muito tarde foram colónias portuguesas, como foi o caso de Goa, temos um conjunto de textos que nos ajudam a compreender os comportamentos femininos em diferentes conjunturas.

O texto de Irene Pimentel — Instituto de História Contemporânea (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa) — especialista no período do Estado Novo, que escreve sobre as *Influências internas e externas na Obra das Mães e na Mocidade Portuguesa Feminina*, mostra-nos, de forma comparativa, tanto as diferenças como as semelhanças que existiam entre as organizações femininas enquadradas no Estado Novo e as organizações anteriormente criadas pelo fascismo italiano e pelo nacional-socialismo alemão. Para além do pioneirismo do seu trabalho, em nosso entender, o assunto agora analisado ganha destaque pela preocupação comparativa do tema, face a outros países europeus.

Na passagem para um novo espaço geográfico e para uma época posterior ao colonialismo, Olga Iglésias, docente da Universidade Lusófona e doutoranda, investiga sobre *A Mulher Moçambicana e o NEPAD*, explorando a evolução da participação da Mulher desde a luta armada até à presente fase de democratização, no período pós-colonial.

Avançando no tempo e no espaço, o antropólogo Daniel Schroeter Simião — um participante activo no processo de reconciliação em Timor — colabora com um texto sobre a criação de um projecto-lei que, em 2003, visava criar condições legais para o combate à violência doméstica: *O Espetáculo da Modernização: versões e subversões da igualdade de género em um projeto de cooperação internacional em Timor-Leste*. De facto, é interessante observarmos como é que as comunidades locais timorenses reagiram face aos novos valores e às regras apresentadas pela comunidade internacional. Por se tratar de uma sociedade que durante os últimos quinhentos anos viveu debaixo do poder luso e, mais tarde, do poder indonésio, é de elevada pertinência acompanhar a forma como aquela sociedade reage a mais uma intenção de aplicação de medidas que fogem ao seu quotidiano e à sua cultura ancestral.

Ainda na Ásia, onde a circulação da mulher é muito diferente do resto do espaços coloniais e onde a presença de mulheres europeias é praticamente inexistente ou fragmentária até quase finais do século XIX e cuja temática praticamente não se encontra analisada, Ivo Carneiro de Sousa - Personal Chair in History no ICM e Professor Visitante no Instituto de Estudos Europeus de Macau - traz-nos um estudo aprofundado sobre a subalternidade feminina em Macau: *Cativas e “Bichas”, Meninas e Moças: A Subalternidade Social Feminina e a Formação do Mercado Matrimonial de Macau (1590 – 1725)*. Tendo sido um dos penúltimos espaços a deixar de pertencer à administração portuguesa e onde diferentes culturas se cruzaram ao longo dos tempos, Leonor Seabra - da Universidade de Macau - analisa os *Traços da Presença Feminina em Macau*. Para além das considerações históricas que faz da região, diz-nos que, tradicionalmente, as mulheres chinesas tinham um papel

muito apagado na sociedade, sendo dominadas pelo poder patriarcal. Apesar da tradição secular/familiar que protege ainda o varão, a mulher tem vindo a conseguir mais habilitações académicas e a desempenhar um papel mais activo no mercado de trabalho, contribuindo para que os seus direitos enquanto mulher e cidadã sejam reforçados.

Três artigos têm como objecto de estudo a mulher do antigo Estado da Índia, tanto a que habita dentro como fora do Estado. Nandkumar Kamat, Nikita De'silva, Melinda Pereira — Goa University — escrevem acerca de *Woman on March in Goa: The Gender Transition in Higher Education after Statehood*. Neste artigo, salienta-se o elevado número de mulheres com formação superior, realidade habitual praticamente em todas as sociedades actuais. Pois, este é um dos aspectos que provam as alterações que conduziram e conduzem à afirmação da mulher na sociedade em geral, atendendo a que até há pouco tempo o ensino quase não era extensivo à mulher e esta quase nunca tinha direitos na sociedade que a acolhia. Ruth de Souza aborda a emigração da mulher goesa para a Nova Zelândia e algumas das problemáticas inerentes à questão: *Women from Goa in New Zealand and Cultural Adaptation*. Hélia Bracons Carneiro, por sua vez, escreve sobre *Mulheres Hindus da Quinta da Vitória: Práticas e Vivência*, onde analisa a situação da mulher hindu residente num bairro de Lisboa. Traz-nos sentimentos e atitudes relacionadas com o espaço doméstico e o espaço público, indispensável para compreender o papel fundamental da mulher hindu em contexto português.

Longe da esfera da influência portuguesa é o assunto analisado por Maria Johanna Schouten, *Género e Domesticidade na Indonésia – A Nova Ordem*. A autora salienta que, apesar do passado colonial, do regime ditatorial e do peso que a religião muçulmana tem na sociedade indonésia, verifica-se que a mulher, à semelhança do que se passa em outras partes do mundo, tem adquirido relevância na sociedade, bastando para isso lembrar a eleição de uma mulher para Presidente da República.

O que acima expusemos dá-nos exemplos concretos de situações vividas por mulheres que na sequência de um determinado momento político, ou fruto de circunstâncias da vida, conseguiram arranjar mecanismos de resistência, de sobrevivência e de adaptação à realidade circundante, numa tentativa de valorização do seu eu. O sexo definiu e define muitas das atitudes/condenações ao longo dos tempos, sobretudo de carácter moral. Se em volta do “sexo fraco” se constrói um mundo/uma história que nem sempre é igual ao “sexo forte”, esse problema ganha uma maior dimensão quando transposto para as meninas, sobretudo no domínio da sexualidade. Ontem como hoje a menina (a que não atingiu a maioridade) é muitas vezes vista como a sedutora e aquela que levou o homem a pecar. Neste sentido Eleonora Zicari-Costa de Brito — Universidade de Brasília — traz-nos um texto sobre *Género e Práticas jurídicas*. Pretende a investigadora reflectir sobre dois processos, julgados por diferentes tribunais brasileiros, relativos a duas menores de idade, acusadas de práticas sexuais desviantes, nas décadas de 80 e 90 do século XX. Analisa a complexidade dos conceitos de criança, mulher e assédio e, essencialmente, a desculpabilização que os juízes e a sociedade em geral praticam face a indivíduos acusados de práticas sexuais com menores, culpando quase sempre a criança.

Depois de uma viagem pelas culturas lusófonas, ou que de alguma maneira por circunstâncias da História — Macau e Goa — a ela se ligaram, apresentamos dois textos que nos dão a conhecer uma outra vivência. Joseph Levi — Institute for Portuguese and Lusophone World Studies, Rhode Island College — analisa os *Estudos de Mulher e de Género nos Estados Unidos da América. Séculos XIX-XXI: Temáticas e Abordagens*. Apresenta-nos como a mulher não só se foi emancipando e adquirindo direitos face ao homem, o que lhe permitiu a integração plena na sociedade, mas também como recebeu do campo académico mecanismos para a sua própria emancipação e valorização. Mas Josefina Figueira-McDonough no seu artigo *Neo-conservatism in the United States and the Institutionalized Exclusion of Poor Women* apresenta-nos uma realidade concreta, o da pobreza, que parece fazer ruir alguns dos alicerces construídos em torno da valorização e emancipação da mulher numa sociedade considerada altamente desenvolvida.

Para que se possam aprofundar e consolidar os estudos sobre a História da Mulher é necessário que se desenvolvam uma série de projectos. Neste sentido é de todo o interesse dar a conhecer à comunidade científica e não só alguns temas que estão em curso. Começamos pela pesquisa de Lúcia Bellini da Universidade Federal da Bahia, *Vida monástica e práticas da escrita entre mulheres em Portugal no Antigo Regime*. A autora, a partir de escritos de e sobre religiosas dos séculos XVII e XVIII, aborda perfis de mulheres ingressadas nos conventos e a sua atitude insumissa, através da escrita, face ao poder masculino. É sem dúvida um assunto interessante que merece ser destacado, dado que a historiografia mais antiga atribui em geral um papel submisso à mulher, esquecendo as diferentes formas possíveis de fuga ao *status quo* vigente. É uma temática que nos permite compreender a evolução do quotidiano feminino, dos papéis e atitudes da mulher face ao homem e à sociedade nos séculos seguintes.

Trazemos, igualmente, um conjunto de artigos “breves”, de reflexão em torno de questões muito pertinentes e actuais: Maria Helena S.S. Varandas, *Mulher na Justiça em Portugal*; Teresa M. Bravo, *Género e Justiça: Que Igualdade para o Século XXI*; Lillian D’Costa, *Women in Post – 1961 Goa – Problems and Challenges*. Os seus comentários e reflexões breves chamam a nossa atenção à maneira como as mulheres estão a corresponder aos desafios de democracia, desde 1961 em Goa e a partir de 25 de Abril de 1974 em Portugal.

Outros trabalhos de investigação em andamento dão-nos a conhecer essa evolução, essa mudança de mentalidades em aspectos reais da sociedade, assim como a representação que dela foi sendo feita. As variações estão visíveis na diferente formação académica e profissões que foi desempenhando ao longo dos séculos: Aida Ferreira, *A Mulher no Sector dos Serviços: Percurso Histórico e Desigualdade*; Maria Irene Lopes B. de Carvalho, *Entre Cuidados e Cuidadores: O feminino na configuração da política de cuidados às pessoas idosas*. Cláudia Alvares, *Representação do Feminino na Imprensa Portuguesa. Uma Análise de Conteúdo do Diário de Notícias*, onde a investigadora examina a representação discursiva da figura do feminino na imprensa portuguesa, fazendo uma análise textual do *Diário de Notícias*.

Este número da Revista inclui também uma recensão crítica de Clara Sarmiento – Instituto Politécnico do Porto - sobre duas obras relativas ao Estado Novo, que nos permitem

compreender uma mudança de atitudes e de práticas femininas, mas não de emancipação. Trata-se, pois, e ainda, de uma sociedade marcadamente patriarcal, cabendo à mulher essencialmente o papel de mãe e de educadora. São elas, de Vanda Gorjão, *Mulheres em Tempos Sombrios: Oposição Feminina ao Estado Novo* (2002) e, de Irene Flunser Pimentel, *História das Organizações Femininas do Estado Novo: O Estado Novo e as Mulheres, A Obra das Mães pela Educação Nacional e a Mocidade Portuguesa Feminina* (2001).

III

Se até à pouco tempo estes temas eram pouco considerados pela comunidade científica, hoje, felizmente, assistimos ao interesse por estas matérias tanto dentro das Universidades — apresentação de um conjunto de dissertação de Mestrado e Doutoramento, de projectos desenvolvidos em Centros de investigação —, como através de estudos que se vão incrementando fora destas instituições. Mas dar a conhecer as mutações sofridas no modo de pensar e de agir, não só quanto à inserção da mulher na sociedade, como relativamente à sua identidade, não é tarefa simples, urge continuar as investigações neste domínio.

Atendendo a que a nossa área de estudo se centra nas problemáticas da História da Expansão Portuguesa vemos, igualmente, pertinência que a História da Mulher faça parte das preocupações daqueles que se dedicam às pesquisas sobre o Império Português. Neste sentido teria interesse desenvolver a questão dentro de dois grandes prismas: o período colonial e o período pós-colonial. No primeiro grupo seria oportuno incrementar estudos sobre: a mulher europeia que partia para o espaço ultramarino, a sua adaptação ao novo lugar e qual o aproveitamento que os diferentes poderes fizeram da mulher autóctone e da escrava e as políticas que regeram a criação das instituições femininas, por exemplo os conventos e os recolhimentos. No segundo grupo, e seguindo a ideia de uma história comparativa, convinha indagar sobre aspectos que caracterizam a mulher antes e após a independência.

Se para a grande maioria dos estudiosos deste capítulo da História de Portugal — História da Expansão Portuguesa/o mundo Lusófono — o assunto não tem merecido grande preocupação, dever-se-ia inverter a situação, pois como anteriormente afirmámos, a movimentação portuguesa não se fez apenas no masculino. A circulação de gentes contou com a *colaboração* de órfãs, prostitutas, religiosas, esposas e escravas. Tratando-se de um processo tão heterogéneo, tanto do ponto de vista geográfico como sócio-cultural, deveríamos igualmente ter curiosidade pelas culturas que desta simbiose emergiram, sobretudo o que as distinguiu/distingue ou o que as aproximou/aproxima deste passado histórico.

